

ARGUMENTAÇÃO E (IM)POLIDEZ EM COMENTÁRIOS AVALIATIVOS ACADÊMICOS: O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO AJUSTE DE SENTIDOS

ARGUMENTATION AND (IM)POLITENESS IN ACADEMIC EVALUATIVE COMMENTS: THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN ADJUSTING MEANINGS

Evandro de Melo Catelão (UTFPR)¹

Jessica Oliveira Fernandes (UFC)²

Ilaria Cennamo (UNITO)³

Resumo: O fenômeno da (im)polidez como estratégia de argumentação permite pensar em maneiras de orientar um ponto de vista (PDV) e tratar os sentidos. Vinculado às condições de produção do ato ameaçador da face do ouvinte, esse fenômeno pode ser uma via de compreensão do real, centrado em uma dimensão argumentativa intrínseca segundo estudos do texto e do discurso. Neste artigo, objetivamos analisar a emergência da (im)polidez no comentário avaliativo acadêmico como um mecanismo de ativação do PDV crítico e patêmico, além da intensificação do grau de (im)polidez, usando como ferramenta um modelo de inteligência artificial generativa como o GPT (*Generative Pre-trained Transformer*). O *corpus* é composto por um “comentário avaliativo” referente à reprovação de um artigo acadêmico, situação que envolve práticas apreciativas e a mobilização de PDV com frequentes tensões entre a crítica empática e a agressiva. Partimos da descrição e da contextualização desse gênero da esfera acadêmica para testar um *chatbot*, observando as estratégias de (im)polidez na orientação do PDV a partir de versões oriundas de comandos (*prompts*) dos pesquisadores. Os resultados das análises das versões demonstram o emprego da ferramenta como uma técnica empreendedora na geração de discursos derivados e/ou para a ampliação ou a manutenção da orientação argumentativa no texto.

Palavras-chave: argumentação; (im)polidez; ponto de vista; análise de discursos; IA generativa.

Abstract: The phenomenon of (im)politeness as an argumentative strategy allows us to reflect on ways to orient a point of view (PDV) and construct meaning. Linked to the production conditions of face-threatening acts directed at the listener, this phenomenon can serve as a pathway to understanding reality, centered on an intrinsic argumentative dimension in text and discourse studies. In this study, we aim to analyze the emergence of (im)politeness in academic evaluative commentary as a mechanism for activating critical and pathos-driven PDVs, as well as the intensification of (im)politeness force, using a generative artificial intelligence model like GPT (*Generative Pre-trained Transformer*) as a tool. The corpus consists of an “evaluative commentary” regarding the rejection of an academic article, a situation that involves evaluative practices and the mobilization of PDVs often marked by tensions between empathic and aggressive criticism. We begin with the description and contextualization of this genre within the academic sphere to test a chatbot, observing the strategies of (im)politeness leveling in the orientation of PDVs based on versions generated from researcher-defined prompts. The results of the analyses of these versions

¹ Doutor em Letras, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3006-5051>, E-mail: evandrocatelao@utfpr.edu.br. O estudo faz parte de projeto pós-doutoral também financiado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Confap-Mobility Italy, Fundação Araucária.

² Doutora em Linguística, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6811-423X>, E-mail: jessicafernandes36@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Linguagem, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0664-3459>, E-mail: ilaria.cennamo@unito.it

demonstrate the use of the tool as an innovative technique for generating derived discourses and/or for expanding or maintaining the argumentative orientation in the text.

Keywords: argumentation; (im)politeness; point of view; discourse analysis; generative AI.

Introdução

As práticas de processamento textual e as próprias atividades linguísticas têm sido profundamente transformadas pelas tecnologias digitais e pelas interações por meio de plataformas *on-line*. É visível que hoje nossa interação com o mundo, bem como muito do que produzimos e consumimos textualmente ocorre dentro dos chamados ecossistemas digitais, os quais operam em sistemas complexos de relações multissemióticas. Como apontam Yenduri *et al.* (2023), o modo como interagimos com dispositivos foi revolucionado, permitindo uma interação que pode ser considerada mais “natural” entre humanos e máquinas, especialmente por meio de dispositivos móveis.

Não por acaso, esse avanço se reflete na inclusão crescente dessas tecnologias em atividades cotidianas, assim como aconteceu com a internet e os computadores nos anos 1990, o que mudou nossos desempenhos pessoais e profissionais. Na universidade, por exemplo, as tecnologias digitais transformam as práticas em sala de aula e diversas atividades acadêmicas. Mais recentemente, os modelos de inteligência artificial (doravante IA) moldam o que alguns autores chamam de “próxima onda” (Suleynan e Bhaskar, 2023) ou “revolução artificial” (Bartoletti, 2020) na organização e na execução de nossas atividades, impulsionando áreas como a comunicação e a ciência.

Nunca se falou ou se utilizou tanto as tecnologias de IA⁴, como os modelos de linguagem de larga escala (do inglês *Large Language Models* - LLM), ferramentas específicas para o Processamento de Linguagem Natural (PLN), antes limitados a grandes corporações. Modelos de IA generativa, como o GPT (*Generative Pre-trained Transformer*) – e mais especificamente o ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI –, trouxeram o PLN para o uso popular. Segundo Yenduri *et al.* (2023), o GPT é um modelo de *deep learning* treinado em extensos *corpora* de dados textuais, sendo ajustável para várias tarefas de geração e análise de textos em múltiplos tipos de performance, o qual já faz parte de muitas práticas da esfera acadêmica, como na revisão, no estudo contextual e como ferramenta de análise.

É nesse contexto que propomos examinar, neste estudo, o uso de tecnologias de IA generativa nas práticas de produção e análise de textos. Considerando a emergência dessas discussões e o uso cada vez mais difundido dessas ferramentas, entendemos que a integração das atividades de Processamento de Linguagem Natural (PLN) às temáticas da Linguística Textual (doravante LT) pode trazer contribuições significativas aos estudos já consolidados, que, assim como a LT, têm se mostrado intrinsecamente transdisciplinares. Além disso, este trabalho busca também homenagear a renomada linguista Mônica Magalhães Cavalcante, cuja trajetória acadêmica foi marcada por profundo comprometimento com os estudos do texto e do discurso, bem como com os processos de produção de sentidos. Na perspectiva da LT, tal como ela defendeu em Cavalcante *et al.* (2022), tomamos o texto como um evento comunicativo, uma unidade de comunicação e sentido em contexto. Desse modo, integramos às discussões a necessidade de repensar as atividades e os processos de produção textual e geração de sentidos mobilizados por modelos de *deep learning*, uma pauta que certamente estaria hoje entre os interesses de Mônica.

⁴ Apenas como exemplo, o Italian Tech Week de 2024, realizado em Turim-Itália, se direcionou inteiramente às discussões sobre o uso da IA na medicina, na comunicação e no trabalho. Não por acaso, o cofundador do ChatGPT (OpenAI), Sam Altman, teve a maior audiência do evento. Em sua fala, ele apresentou que a empresa tem focado no desenvolvimento de tecnologias de IA e preparava-se para lançar novas ferramentas na plataforma.

Propomos como questão central do estudo: que implicações textuais e discursivas poderiam surgir em textos reescritos ou ajustados por uma ferramenta de IA generativa? Problematicamos, assim, de que modo o uso dessas tecnologias de IA no ajuste de textos pode mobilizar aspectos enunciativos e argumentativos, particularmente, a gestão dos níveis de (im)polidez.

Para responder a essa questão, delimitamos como objetivo geral analisar o uso de uma IA generativa no aprimoramento de textos conforme critérios de impolidez. De maneira específica, buscamos: i) gerar *prompts*⁵ que permitam que a IA aprimore textos acadêmicos com vistas à eficácia comunicativa; ii) descrever os tipos de reformulação automática apresentados pelo modelo, com foco em ajustes textuais e discursivos; iii) discutir como a intervenção textual assistida pelo modelo de IA possibilita pensar na gestão do contínuo da polidez e da impolidez no discurso acadêmico. Ao analisar modelos de PLN a partir de suas intervenções em textos e do impacto dessas intervenções na adequação comunicativa, nossa proposta é também contribuir para o aprofundamento da compreensão desses modelos em contextos específicos de produção textual ou de imitação de padrões discursivos.

Para tanto, usamos como ponto de partida um “comentário avaliativo” de um professor que trata da reprovação de um artigo acadêmico. Partimos de uma situação concreta de produção textual que diz respeito a práticas avaliativas e mobilização de pontos de vista (PDV) antagônicos, os quais são potencialmente conflituosos por envolver a crítica em interações acadêmicas. O comentário avaliativo (*feedback*) negativo, neste contexto, pode parecer ou ser interpretado como impolido, dependendo de seu modo de apresentação, isto é, de sua textualização. O comentário avaliativo crítico pode ser definido como um tipo de texto que pode travar, em relação a um outro texto ou a um outro interlocutor, uma oposição de PDV, isto é, orientar motivos da reprovação de uma ideia, texto ou partes de um texto. No contexto acadêmico, é comum haver um embate de propósitos comunicativos entre as chamadas “crítica agressiva” e “crítica construtiva” entre as quais parece existir efeitos possíveis (Charaudeau, 2015) mais ou menos desejáveis entre a eficácia da crítica construtiva, com vistas à melhoria, e o bloqueio gerado pela crítica não ou pouco atenuada, a qual pode transparecer um nível maior de impolidez (Culpeper, 2011; Fernandes, 2024).

Teoricamente, partimos da perspectiva textual e discursiva (Adam, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022), com foco em impolidez (Culpeper, 2011; Charaudeau, 2019; Fernandes, 2024) e na mediação de PDV (Rabatel, 2017). Estudos recentes sobre atualizações das tecnologias de IA também contribuem para o estudo, como os de Yenduri *et al.* (2023), Russel e Norvig (2023), Schmidt, Huttenlocher e Kissinger (2023), Bartoletti (2020) e Suleynan e Bhaskar (2023).

Este trabalho, em sua continuidade, é especialmente dedicado à memória de Mônica Magalhães Cavalcante, cuja orientação incansável e contribuição teórica foram fundamentais na construção deste e de tantos outros estudos. Mônica sempre incentivou a reflexão crítica e colaborativa, promovendo não apenas o avanço das pesquisas, mas também as coautorias que marcaram sua trajetória acadêmica. Sua dedicação ao estudo da LT e sua visão inovadora sobre temas da área seguem a iluminar o caminho de muitos que, como nós, tiveram a honra de aprender com sua sabedoria e generosidade intelectual. A humildade e a força acadêmica da autora permanecerão como inspiração em nosso modo de fazer ciência.

1 Inteligência artificial, processamento de linguagem natural e estudos do texto

O acelerado desenvolvimento de tecnologias de IA, bem como seu intenso uso por meio de diferentes dispositivos têm mostrado um crescente aumento no número de conteúdos produzidos a partir dessas tecnologias. Esse aceleração e essa evolução dos modelos de PLN foram impulsionados pelo crescimento exponencial de dados textuais na internet, permitindo um aprimoramento nas ferramentas. Desde a apresentação, por exemplo, dos assistentes por comando

⁵ Um *prompt* é uma instrução ou texto usado para comunicar ao modelo de linguagem (como GPT) a tarefa que ele deve realizar ou a informação que se espera como resposta.

de voz ou mesmo dos tradutores automáticos, plataformas, de diferentes tipos, têm sido lançadas para cobrir um mercado cada vez maior desses usuários que usam *softwares* de IA, assistentes virtuais, *chatbots*, entre outros para suas atividades profissionais e cotidianas.

No que diz respeito à capacidade de modelos de IA em simular ações humanas, Russel e Norvig (2023) oferecem uma visão detalhada sobre os padrões de PLN, descrevendo como essas abordagens reproduzem, em alguma medida, práticas humanas de comunicação. No entanto, tais modelos nem sempre estão exatamente alinhados às teorias que admitimos nos estudos linguísticos, particularmente os sociointeracionistas. Com isso, acreditamos que a caracterização dessas práticas, explorando parte da lógica que demarca a abordagem dos autores sobre linguagem e pensamento, pode situar melhor essas definições no contexto da interação e dos estudos textuais e discursivos.

Na proposta de Russel e Norvig (2023), o conceito de “agir de forma humana” reflete o princípio de que a IA busca imitar ações – especialmente aquelas relacionadas à linguagem – com o objetivo de tornar a interação mais natural e fluida. Nesse contexto, a famosa questão levantada por Alan Turing (1912-1954) sobre a possibilidade de uma máquina “pensar” parece inspirar a atual compreensão sobre simulações de comportamento humano na IA, um campo que explora se e como as respostas automáticas poderiam ser indistinguíveis das produzidas por pessoas. Russel e Norvig (2023) apresentam que o teste de Turing, a respeito do questionamento se “uma máquina pode pensar?”,

foi projetado como um experimento hipotético que deixaria de lado a vacuidade filosófica da questão ‘Uma máquina pode pensar?’. Um computador passará no teste se um interrogador humano, depois de propor perguntas por escrito, não conseguir descobrir se as respostas escritas vêm de uma pessoa ou de um computador (Russel e Norvig, 2023, p. 2).

Essa observação nos permite explorar as distinções fundamentais entre um texto gerado por IA e um texto produzido por um humano. Neste caso, são considerados aspectos como o gênero discursivo, as dinâmicas de textualização e os recursos linguísticos empregados. Com base nessas distinções, este estudo propõe teoricamente ampliar essas noções para o âmbito da interação social, no qual o texto não apenas funciona como um veículo de comunicação, mas é compreendido como parte de um conjunto de elementos que, na construção de sentidos, respondem à sua coerência em contexto. Esse entendimento reflete um ambiente interativo e dialógico, em consonância com as perspectivas de teóricos da LT e do discurso (Cavalcante *et al.*, 2022; Adam, 2020).

Os LLM “são sistemas de *software* sem existência física material, baseados em algoritmos treinados para receberem solicitações sob a forma de textos e gerarem textos baseados em padrões e associações identificados a partir de grandes volumes de dados” (Figueiredo, 2023 p. 4). Pensando nesse conceito e com base em Russel e Norvig (2023), poderíamos refletir, tendo em vista o funcionamento de um texto, em que medida uma IA – particularmente a GPT – poderia gerar textos que se aproximem do “agir de forma humana”. Nesse ponto, cabe avaliar se o sucesso no Teste de Turing poderia ser interpretado não apenas como evidência de “comportamento inteligente”, mas, mais precisamente, como um enunciado/texto dentro dos parâmetros teóricos que orientam este estudo. Para tanto, cremos que seria necessário compreender as capacidades específicas que permitem à IA superar o Teste de Turing (TT), bem como o Teste de Turing Total (TTT), que acrescenta complexidade ao incluir percepções físicas e motoras ao modelo de interação, o que se distancia do escopo deste estudo.

Russel e Norvig (2023) elencam quatro habilidades necessárias para que um modelo de IA possa passar no TT: i) processamento de linguagem natural: capacidade de comunicação bem-sucedida em linguagem humana; ii) representação de conhecimento: armazenamento e recuperação de informações para responder de forma contextualmente relevante; iii) raciocínio automatizado: capacidade de formular respostas e realizar inferências lógicas; iv) aprendizado de máquina:

adaptação a novos contextos e identificação de padrões para desenvolver respostas inovadoras. No TTT, as duas capacidades adicionais são: i) visão computacional e reconhecimento de fala: para percepção e interação com o ambiente e ii) robótica: manipulação de objetos e capacidade de movimento.

Essas capacidades descrevem um “agente” não humano com potencial de operar e interagir em uma realidade dinâmica, desenvolvendo uma comunicação fluida com o meio ambiente e com interlocutores humanos. No contexto das teorias do texto e do discurso, tal autonomia poderia ser comparada à habilidade de ajustar o discurso conforme a situação e as expectativas comunicativas, o que representa um desafio e um campo fértil de análise. Esse desafio, no entanto, parece um pouco menos problemático quando introduzimos os modelos generativos ou modelos de aprendizagem profunda (*deep learning* - DL) como possíveis auxiliares na produção humana. Assim, como apresenta Bartoletti (2020), os traços etimológicos do termo “inteligência” são fundamentais para delimitar o sentido que estamos atribuindo à expressão “inteligência artificial”. Ao nos referirmos a uma máquina como “inteligente”, estamos destacando sua capacidade de, sobretudo, compreender aspectos da realidade ou de relacioná-los a um determinado contexto. Essa compreensão se dá por meio do processamento de grandes volumes de dados matemáticos, através dos quais a máquina é capaz de identificar padrões e estabelecer conexões ocultas entre diversos fenômenos que compõem ou influenciam as experiências humanas. Contudo, mesmo com os avanços, não podemos esquecer que elas estão ainda longe de passar no teste de Turing.

Modelos do tipo GPT são hoje os que mais têm se destacado nessa tarefa. Yenduri *et al.* (2023) conceituam que o modelo GPT é um tipo de modelo de DL que usa aprendizado auto-supervisionado para realizar pré-treinamento de uma grande quantidade de dados textuais. Esses dados permitem a geração de variadas saídas, ou *outputs*, de formas linguísticas de diferentes níveis e com alta qualidade quando comparadas à linguagem natural. Segundo os autores, graças a novas técnicas, os recentes avanços de pesquisas com GPT se direcionaram principalmente à melhoria de sua arquitetura, do poder computacional e ao ajuste do modelo a tarefas específicas. “Esses avanços possibilitaram a criação de modelos GPT melhores e mais potentes, que agora são capazes de executar uma variedade maior de tarefas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) com uma precisão e fluência sem precedentes” (Yenduri *et al.*, 2023, p. 2, tradução nossa)⁶.

Para Yenduri *et al.* (2023), essas aplicações são possíveis graças à geração de dados de alta qualidade realizado com *corpora* de textos em larga escala. Em termos linguísticos, isso significa que os modelos GPT podem estar baseados em padrões linguísticos recorrentes, e o mais interessante, conectados à perspectiva dos usuários. Bancos de dados são usados segundo interesses desses indivíduos ou de grupos bem particulares que recorrem a essas ferramentas para criar (figura 01), particularmente para as redes sociais, conteúdos multissemióticos, como filmes alternativos, desenhos animados, e finais de séries.

⁶ No original, “These advancements have led to the creation of larger and more powerful GPT models, enabling them to perform a wider range of NLP tasks with unprecedented accuracy and fluency”.

Figura 01 - Snow White replicata no estilo Panavision 70



Snow White - 1950's Super Panavision 70

Abandoned Films

423 mil visualizações • há 2 meses

Fonte: Canal do Youtube @abandonedfilms⁷.

Quanto a esses possíveis efeitos dos modelos de LLM, como o ChatGPT e o DeepSeek, na universidade e em bibliotecas, Yenduri *et al.* (2023) afirmam, segundo outras pesquisas na área, que a capacidade do ChatGPT de gerar textos/respostas semelhantes às produzidas por humanos é enorme, e isso pode, por exemplo, contribuir ao aprimoramento das experiências de aprendizado dos alunos. Por outro lado, reforçam a existência de diferentes implicações éticas, como o plágio e o direito de imagem. Dos diferentes artigos que se debruçam sobre o tema, muitos fornecem uma visão que explora as potencialidades do modelo, os desafios e as direções futuras desse campo para as atividades, sobretudo, para os rumos da educação⁸.

Assim, podemos pensar que o comportamento de uma IA em relação à geração de textos envolve condições que, em muitos aspectos, se aproximam das ações humanas, embora sejam moldadas por princípios e mecanismos bem distintos. Essas condições de comportamento da IA podem não corresponder aos princípios básicos da ferramenta, mas aproximam-se, até certo ponto, do processo comparativo entre o agir do humano e o da máquina. Complementando essa perspectiva, há autores (Schmidt, Huttenlocher e Kissinger, 2023; Suleynan e Bhaskar, 2023) que enfatizam o desenvolvimento de capacidades técnicas específicas, como o “raciocínio matemático”, que, apesar de fundamentais ao desempenho da IA, podem não abranger aspectos como o aprendizado baseado em interação ou a adaptação aos padrões específicos, o que impacta diretamente na performance de um *chatbot* como o ChatGPT. Ao interagir com o modelo, por exemplo, um usuário fornece *inputs* que influenciam, de forma acumulativa, o aprendizado e o refinamento da IA, o que resulta em respostas que gradualmente atendem melhor a certas expectativas comunicativas. Porém, mesmo com essas melhorias, o texto gerado pelo GPT ainda exige uma revisão cuidadosa pelo usuário, para garantir precisão e coerência, especialmente em contextos acadêmicos e profissionais.

2 Tecnologia, argumentação e mobilização do discurso de razão e do discurso patêmico

Com essa expansão das formas de produção ou geração de textos, dos tecnogêneros, do uso de tecnopalavras e, particularmente, das interações digitais (Paveau, 2021), o conceito de

⁷ The original Super Panavision 70 channel. All videos created with AI. Produções em *live action* do canal do Youtube @abandonedfilms (figura 01) que revisitam clássicos como *Snow White* (Branca de Neve) para recriá-los ao seu estilo.

⁸ Em pesquisa anterior, Catelão (2024) destaca como o modelo GPT usado na produção de resumos acadêmicos demonstra ser uma ferramenta muito produtiva na sumarização de textos. Contudo, quando comparado ao modelo de gênero mais específico, a ferramenta mostrou apresentar *outputs* (textos de saída) em formatos generalistas e sem profundidade. Apesar de experimental, o estudo reforçou a necessidade de revisão dos textos gerados e de usuários experientes e eticamente concentrados no uso e nos produtos dos modelos generativos.

argumentação pode ser repensado e abarcar também formas emergentes de negociação de sentido, intencionalidades e gerenciamento de PDV que ocorrem nesses espaços. Nas redes sociais, por exemplo, as trocas argumentativas assumem instâncias particulares, uma vez que a produção discursiva aparece mais fragmentada, compartilhada e, muitas vezes, em pseudoanonimato (Muniz-Lima e Catelão, 2023). Essas características tornam as redes um campo profícuo para estudos, pois permitem observar não apenas como os sentidos são negociados e gerados, mas também como as estratégias argumentativas evoluem e são mobilizadas na comunicação digital ou mesmo por enunciadores digitais⁹.

Os trabalhos sobre argumentação¹⁰, amplamente redimensionados a partir da década de 1970 com a obra de Ducrot, abrangem diversas abordagens teóricas no campo das Ciências da Linguagem e exploram como a argumentação estrutura sentidos e orienta posicionamentos em textos e discursos. Nesse sentido, os textos que circulam nas redes sociais ampliam a importância de investigar como a argumentação se manifesta em determinados contextos, nos quais os posicionamentos e a geração de sentido ocorrem sob a influência direta de novas dinâmicas comunicativas.

Nos estudos textuais e discursivos mais atuais, o cenário digital se destaca como um ambiente privilegiado para coletar dados e entender a argumentação como uma prática dinâmica. O texto cumpre o papel de instrumento de construção de significados, em que as estratégias argumentativas emergem adaptadas aos contextos de interatividade digital (Muniz-Lima, 2024). Diante de um cenário com múltiplas possibilidades, não raro surgem formatos textuais no interior do contrato comunicativo *on-line* nos quais são presumidos tipos de tratamento dos participantes em relação a como devem interagir nas redes.

Apesar de nosso foco não necessariamente se direcionar a tecnotextos como o comentário *on-line* e a postagem, o formato aqui mobilizado no *corpus*, o comentário avaliativo, alterado pelo modelo generativo, sugere aproximações se comparado a textos que são gerados por IA e circulam nas redes. Desse modo, ao tratarmos de argumentação e mobilização do discurso, discutimos os fenômenos da (im)polidez junto da prática da crítica como possível mobilizadora do discurso de razão e do discurso patêmico. Partimos dessa descrição inicial, pois, como sugere Amossy (2018), ao abordar o entrecruzamento entre discursos patêmicos e os que tendem à razão, essa relação pode equivaler à exploração de como nosso discurso posiciona-se e dialoga com outros sujeitos (de forma neutra, cordial ou ofensiva), de modo que, mesmo sem intenção evidente de persuadir, textos podem revelar orientações argumentativas implícitas¹¹, também tratada por outros autores, como Rabatel (2017), em termos de processos argumentativos explícitos e implícitos.

Como discutem Cortez e Catelão (2022), a argumentação explícita se manifesta através de argumentos e conectores, enquanto a implícita surge pelas inferências promovidas pelos objetos de discurso. Esse segundo caso pode ser observado nas escolhas lexicais e referenciais, sobre as quais se constrói uma perspectiva específica sobre o objeto de discurso, isto é, um PDV (Rabatel, 2018). Esse PDV, portanto, funciona como um vetor de argumentação implícita, estabelecendo nuances interpretativas que conduzem o interlocutor a um entendimento particular, mesmo sem um objetivo argumentativo declarado. Desse modo, a gestão do PDV nos textos também envolve a interação de múltiplos PDV. Cortez e Catelão (2022) afirmam que o locutor/enunciador

9 Segundo Paveau (2021, p. 163), “os enunciadores digitais são figuras de locutores nascidos na internet e não possuem equivalente fora da rede: não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais”. Para Catelão e Glück (2024), tanto o enunciador digital humano quanto o enunciador digital em uma IA generativa são enunciadores nativos digitais.

¹⁰ Para detalhes sobre a evolução dos estudos da argumentação no âmbito da Linguística, ver Pinto (2015).

¹¹ O caráter argumentativo de um texto muitas vezes não visa à persuasão direta, mas projeta uma luz interpretativa sobre o tema abordado. Assim, todo texto carrega potencial de orientação argumentativa, ainda que essa orientação seja sutil e não tenha o propósito explícito de convencer (texto que não tem visada argumentativa), o que Amossy (2018) trata como dimensão argumentativa.

primeiro¹² não age de forma isolada; ele se posiciona em relação a outros enunciadores e gerencia essas múltiplas vozes, articulando uma orientação argumentativa que reflete o entrelaçamento de diferentes perspectivas. Nesse sentido, a argumentação no discurso configura-se como uma prática dialógica, em que as escolhas e a orientação discursiva operam em consonância com as intenções de um locutor/enunciador primeiro, especialmente quando este assume o papel de orquestrador do discurso, em sintonia com a perspectiva ampliada de Amossy (2018).

Buscamos com essa discussão situar, em parte, o papel do discurso de razão e do discurso patêmico ou empático e, assim como Amossy (2018), conectar elementos da retórica — especificamente a noção de *pathos* — ao fenômeno da (im)polidez em diferentes textos. Aplicando a relação entre razão e emoção, Cortez e Catelão (2022) apresentam que o uso da empatia no discurso pode evocar do auditório eficácia argumentativa. A construção do discurso patêmico, nesse sentido, mostra não se restringir ao gênero epidíctico¹³, pois ela se estende como um recurso persuasivo amplo, utilizando o elo entre razão e emoção como uma estratégia argumentativa complexa (ensinar, agradar e tocar).

Essa observação destaca o equilíbrio que deve haver entre razão (convencimento lógico) e emoção (persuasão afetiva), sugerindo que a efetividade discursiva envolve esses dois eixos. Dito de outro modo, usando as noções expressas até o momento, todo discurso (seja ele de visada ou de dimensão argumentativa) é em si argumentativo, pelas escolhas linguísticas realizadas pelo locutor enunciador primeiro, isto é, a forma como gerencia o PDV ou mesmo se alterna a racionalidade e a paixão, conforme demanda a estrutura argumentativa e seus objetivos como produtor. Nesse sentido, seria possível pensar e admitir que o discurso assume uma postura dinâmica, que ora pode privilegiar a razão, ora buscar na emoção uma maneira de estabelecer uma conexão com o interlocutor. Como afirma Plantin (2011), todo enunciado carrega um vínculo emocional¹⁴, tornando impossível a neutralidade completa na expressão argumentativa, já que os valores presentes desempenham um papel inevitável.

Desse modo, ao produzirmos um texto, podemos adotar estratégias baseadas em premissas por nós admitidas e pelo interlocutor. Qualquer texto pode apelar ao discurso racional ou para emoções intensas que reivindicam uma “verdade elevada”, incomensurável ou mesmo intuitiva. Essa inversão hierárquica, na qual a emoção suplanta a racionalidade, pode também caracterizar-se, em dado contrato comunicativo, como uma ferramenta de mobilização ou da empatia pelo outro, da polidez e promover adesão, ou da impolidez e resultar em distância e antipatia pelo outro e seu dizer. Com essa perspectiva, a argumentação patêmica empática pode gerar adesão e, no caso analisado, promover os desdobramentos esperados, isto é, a adequação do artigo criticado; ao passo que a crítica não atenuada pode gerar distanciamento e não alcançar os objetivos comunicativos e, inclusive, educacionais.

3 Impolidez e argumentação

¹² Segundo Rabatel (2017; 2018), a distinção é emprestada de Ducrot. Locutor (origem física na produção do discurso ou a instância que profere um enunciado) e o enunciador (posição enunciativa que o locutor adota, também entendido como a instância de origem do ponto de vista) articulam-se como instância primeira do gerenciamento das vozes e do ponto de vista do texto. Locutores e enunciadores segundos (I2/e2) e subsequentes são pelo enunciador primeiro acionados e a eles imputados ou não os pontos de vista. Rabatel apresenta ainda: L1/E1 como um sincretismo do locutor e do enunciador primeiro, encarregados I2/e2 do sincretismo de locutores enunciadores segundos, citados em discurso direto; apenas e2, e3, e4 etc., para a representação de vozes pelo discurso indireto.

¹³ Gênero retórico apresentado com recursos estilísticos que tendem a emocionar o interlocutor, foco no *pathos*, emoção.

¹⁴ Perelman (1997) enriquece a discussão ao dividir a argumentação em dois ideais distintos: o clássico, pautado na racionalidade e nos valores universais, e o romântico, focado na individualidade e nas emoções. No ideal romântico, valorizam-se os elementos efêmeros e singulares, como a beleza ou o apego sentimental. Essa orientação manifesta-se nos “lugares de qualidade”, onde o discurso valoriza o insubstituível e o incomparável, projetando sentimentos profundos sobre o objeto abordado. A título de exemplo, Perelman utiliza a preferência emocional, como a admiração ou o luto, que atribui grande valor ao objeto sentimental, elevando-o acima do coletivo ou do racional.

A impolidez/violência é objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento, como a pragmática e a análise do discurso. O pragmático Jonathan Culpeper (2011), por exemplo, define a impolidez como um conjunto de estratégias que visam, deliberadamente, causar desarmonia ao atacar a face do outro. Amossy (2008), por sua vez, associa a violência ao discurso mais apaixonado, isto é, imbricado pela emoção; acerca desse assunto, reforçamos que a presença da emoção perpassa todos os discursos, em maior ou menor nível de apelo.

Neste trabalho, na esteira do que discute Fernandes (2024), tomamos a definição de violência de Charaudeau (2019) como ponto de partida para, então, associarmos à ideia de “contínuo de impolidez”, isto é, uma gradação de impolidez que pode, inclusive, se textualizar de modo tão agressivo a ponto de se constituir um enunciado violento.

O semiolinguista Charaudeau aborda, sob a terminologia “violência!”, os múltiplos fatores envolvidos na interpretação do fenômeno. Para o autor, a violência verbal, como ele intitula, configura um ato de linguagem que, como qualquer outro ato linguístico, depende, para sua interpretação, da situação comunicativa na qual se inserem os interlocutores. Essa situação envolve a identidade dos interlocutores, o contexto de interação, as circunstâncias materiais e o “contrato de comunicação”, além da maneira como o discurso é apresentado, da situação de enunciação e do valor social das palavras e das fórmulas compartilhadas pela sociedade. Tais fatores destacam que toda interação linguística deve ser compreendida a partir das características socioculturais do grupo dos participantes. Isso implica que sua interpretação ultrapassa as palavras empregadas, exigindo a análise do conjunto das condições de produção do discurso (Charaudeau, 2019, p. 454).

Fernandes (2024) põe essa noção em diálogos com a impolidez, observando que ambos os conceitos convergem à medida que os estudos discursivos avançam. A autora, então, utiliza o conceito de violência verbal de Charaudeau como ponto de partida, mas opta por empregar, em vez de “violência”, o termo “impolidez”, por entender o conceito com um escopo mais amplo, incluindo redimensionamentos que abarcam distintos níveis de impolidez, inclusive o nível mais grave do fenômeno, a violência.

Para Amossy (2017), qualquer enunciado de crítica ou discordância pode ser visto como uma desqualificação do outro, ainda que não inclua, necessariamente, o uso da violência. Ainda , enunciados que contenham insultos e ofensas tendem a ser associados a manifestações de violência. Essa distinção sugere diferentes pesos que atos violentos assumem no discurso.

Fernandes (2024) propõe, então, a ideia de um “contínuo de impolidez”, em que já haveria algum grau de impolidez ao se rebater, criticar ou discordar do interlocutor. Assim, há uma sobreposição entre os conceitos, pois toda violência seria uma forma de impolidez, mas nem toda impolidez seria violenta, dado que a violência representa um nível mais agressivo e extremo dentro de um contínuo. O termo “contínuo de impolidez” expressa, então, essa gradação e abrange um amplo espectro de atos linguísticos que possuem o potencial de causar desarmonia na interação.

Além de reconfigurar a definição de violência verbal de Charaudeau (2019) para um conceito mais amplo de impolidez no contínuo, Fernandes (2024) enfatiza que a impolidez, especificamente no modo verbal, embora seja o modo mais estudado e recorrente, não exclui outros modos semióticos de manifestação do fenômeno em sua constitutiva gradação. Desse modo, é possível detectar níveis variados de impolidez: uma discordância, embora mínima, já se encaixaria no contínuo de impolidez, uma vez que a aceitação (pelo menos por parte de um grupo específico), em geral, é um dos objetivos do interlocutor; entretanto, o modo como é manifestada e a complexa rede de objetos de discurso que mobiliza podem intensificar sua agressividade.

Esse aspecto contextualizado em um dado gênero ou evento comunicativo, como o comentário avaliativo, parece exemplificar bem essa nuance, especialmente quando o que chamamos de crítica discordante já seria esperada como parte da construção ou reconstrução de uma ideia pelo interlocutor do comentário. Dito de outro modo, na situação comunicativa de comentário de *feedback* por um professor ou profissional com um nível de conhecimento mais

elevado sobre determinado assunto, o aluno autor do trabalho avaliado, em certa medida, já espera críticas, porém não há a expectativa de que elas sejam textualizadas de modo violento; essas condições de produção por si só já tendem a atenuar o caráter impolido do enunciado crítico. Entretanto, é preciso esclarecer que, nessa prática social, não há previsão de resposta por parte do aluno, aspecto que, em termos de análise, colaboraria para a compreensão acerca do efeito possível (Charaudeau, 2015) provocado pelo comentário no leitor, isto é, o autor do artigo.

Assim, neste trabalho, investigamos de que modo a IA generativa identifica estratégias de impolidez e manifesta textualmente a atenuação no processo argumentativo de imprimir o PDV em um gênero que se caracteriza por ser avaliativo e de dimensão argumentativa (Amossy, 2017), o comentário do tipo *feedback*.

4 Metodologia, geração do *corpus*, análise e discussão

Gênero do discurso usado em vários contextos, como em redes sociais, o comentário no contexto acadêmico geralmente assume a forma de sugestões ou críticas a partes específicas do texto, sendo indicado pelo comentarista com setas ou outras marcações para que o autor revise ou reflita sobre os pontos destacados. Atualmente, o comentário *on-line*, um exemplo muito conhecido e amplamente utilizado nas redes sociais, tornou-se, segundo Paveau (2021), objeto de uma crítica consensual por ser frequentemente considerado agressivo, conflituoso e insultante.

Outros tipos, como o comentário avaliativo, no contexto de trabalhos acadêmicos, costuma ser apresentado em blocos, destacando não apenas aspectos isolados, mas também a construção do texto como um todo. Nesse uso, é comum que sejam destacados e analisados aspectos como a relevância do tema, a escolha teórica, o recorte da pesquisa, a problematização e a profundidade das análises, além do cumprimento da norma-padrão da língua e das normas técnicas pré-estabelecidas. Dessa forma, o comentário avaliativo de um artigo acadêmico submetido a uma revista ou apresentado como parte de uma disciplina de pós-graduação tende a incluir as razões para sua aprovação, ajuste ou reprovação.

Com base nesses parâmetros, utilizamos, para a geração do *corpus* pela IA generativa (ChatGPT 4, versão gratuita), um comentário avaliativo negativo (quadro 01) de um artigo acadêmico cedido por um avaliador humano (parecer *ad hoc* ou outro). Por questões éticas, manteremos o sigilo sobre a temática do estudo e outras informações que poderiam identificar o texto avaliado. Partimos, assim, de uma situação concreta de produção textual, envolvendo pontos de avaliação, como os mencionados anteriormente, em um contexto de avaliação negativa. Nesse cenário, a crítica discordante à aprovação do texto mobiliza um PDV antagônico, o que, como destacamos anteriormente, por si só, já poderia ser classificado como impolido ou violento. Nossa hipótese é que o comentário avaliativo negativo (*feedback*) resulta na desqualificação do outro em diferentes graus de impolidez, envolvendo a mobilização de empatia ou antipatia no interior da crítica. Na geração dos comentários pela IA, os comandos foram orientados pela manutenção do PDV, ou seja, os novos textos deveriam igualmente apresentar críticas negativas ao artigo acadêmico, uma vez que este havia sido reprovado.

Nesse sentido, as condições de produção da prática comunicativa são fundamentais para a compreensão da (im)polidez, uma vez que implicam as expectativas por parte do interlocutor ou mesmo o tom do *feedback*, especialmente no modo como a crítica é expressa.

Quadro 01 - Comentário do avaliador humano

O artigo não traz claros os objetivos e o recorte pretendido. Há muitos problemas conceituais ou de explicitação de noções (ou a falta delas). Exemplo, o que o autor está compreendendo como texto? Baseado em qual teoria? Depois, quais seriam as diferenças entre leitura e produção de textos? O uso do tipo de metáfora conceitual desejada pelo autor seria muito interessante, mas se houvesse um melhor embasamento teórico. Parece haver uma tentativa de ligar noções, mas sem uma preparação de escrita adequada.

Sugiro que o autor refaça as leituras pensando nas relações que perpassam o processo de produção de um texto. Conhecer os espaços enunciativos e dialógicos, os planos de intertextualidade, por exemplo. É preciso também, no processo de reescrita, pensar e marcar as noções teóricas para a compreensão do possível leitor. Da forma como está, o leitor se perde a cada afirmação ou citação, tanto pelas pontas teóricas soltas quanto pela mudança e mistura dos tópicos apresentados. Rever também os elementos de construção do plano composicional do artigo científico.

Fonte: arquivo dos autores

Como podemos observar, esse comentário do avaliador humano faz referência direta ao artigo em sua totalidade no sentido de orientar a motivação da reprovação do texto. Considerando o que apresenta Charaudeau (2019) a respeito dos múltiplos fatores envolvidos na interpretação do fenômeno, na situação (parecer *ad hoc*), o anonimato da avaliação exclui a possibilidade de identidade dos interlocutores, assim, o contexto de interação pode se mostrar organizado por objetividade e demarcação dos pontos fracos. Nessas situações em que há o anonimato, pode ser presumível que o articulista espere que as críticas apareçam atenuadas ou expressas por um tipo de nota ou termo de aprovação, quase sempre um texto ou anotações à parte. Dito em outras palavras, embora haja uma expectativa por parte dos interactantes acerca do evento textual, o contrato comunicativo (Charaudeau, 2019) é, nesse caso, atualizado no modo como a enunciação é posta em prática, destacando apenas os pontos negativos do texto.

Realizando uma análise preliminar do comentário humano, é possível observar que o comentarista menciona problemas no artigo como “falta de clareza nos objetivos e no recorte” e “problemas conceituais”. A escolha de palavras como “problemas”, “falta”, “não traz claros” carrega uma avaliação negativa sem mitigação expressiva, o que reforça um tom impolido, pois expõe diretamente as falhas. Quando o comentarista pergunta “o que o autor está compreendendo como texto?” e “Baseado em qual teoria?”, há uma implícita suposição de que o autor falhou em fundamentar adequadamente seu trabalho. Essa forma de expor problemas é atenuada por ocorrerem em forma de questionamentos, porém, essa estratégia não elimina por completo o fato de que são impolidos, pois sugerem que o autor foi negligente ou não possui conhecimento suficiente. No entanto, as perguntas também visam clarificar o ponto criticado, o que traz uma função de orientação para a reescrita. Expressões como “Sugiro que o autor refaça as leituras” e “É preciso também, no processo de reescrita, pensar e marcar” são sugestões diretas, embora expressem algum grau de polidez ao serem formuladas como sugestões e não como ordens. No entanto, ainda há impolidez, especialmente ao sugerir uma revisão completa das leituras, o que pode ser interpretado como uma crítica à competência do autor no tema abordado.

A recomendação de “pensar e marcar as noções teóricas” aponta diretamente para uma necessidade de mudança significativa na estrutura do trabalho. Ao dizer “o leitor se perde a cada afirmação ou citação”, o comentarista deixa claro que considera o trabalho mal estruturado, o que pode ser constrangedor para o autor, caracterizando uma impolidez moderada. Termos como “seria interessante” suavizam parcialmente o impacto de uma crítica, sugerindo “um melhor embasamento teórico”, uso que se caracteriza como menos impolido, pois traz uma proposta de aprimoramento sem um juízo de valor contundente sobre o que já está no texto. A recomendação final de “rever também os elementos de construção do plano composicional do artigo científico” apresenta-se em tom técnico e objetivo, com um foco específico em aprimorar a organização do artigo, o que reduz a impolidez e realça um tom de orientação esperado para a prática comunicativa em questão.

Vejamos agora um primeiro ajuste segundo um *prompt* de entrada que apresente uma escolha lexical que se relaciona a um PDV positivo ou construtivo¹⁵: “Ajuste essa avaliação, deixando-a mais construtiva” – *zero-shot*. Junto do texto de saída, uma resposta contextual da IA generativa retoma parte do PDV (“deixando mais construtiva”), direcionando que o texto de saída ofereceria “orientações práticas”, “incentivo à revisão” e “ênfase no potencial”, como segue: “Segue a avaliação ajustada para uma abordagem mais construtiva e objetiva. Essa versão oferece orientações práticas, incentivando a revisão de aspectos específicos e enfatizando o potencial do artigo”.

O quadro 02 traz o texto sugerido pela IA com base nessas características. Em termos textuais e discursivos, é possível perceber maior integração entre a crítica (com PDV construtivo) e a empatia. Há no ajuste maior presença ou projeção de equilíbrio sobre o PDV discordante e o contexto de interação com maior projeção do contexto de recepção e a preservação de face, promovendo um tipo de orientação de escrita simultaneamente mais empática. Assim, ao selecionarmos um comentário avaliativo com *feedback* negativo seria possível pontuar como essa IA GPT em estudo pode atenuar a crítica de modo que ela parece ter ao sujeito que tem o texto avaliado menor nível de discordância e desqualificação do outro.

Quadro 02 - Ajuste realizado pela IA generativa

O artigo apresenta uma discussão relevante, mas os objetivos e o recorte pretendido poderiam ser mais claramente delineados, o que ajudaria o leitor a compreender a intenção da pesquisa. Alguns conceitos fundamentais, como o entendimento de “texto” e as bases teóricas que o sustentam, precisam de uma explicitação mais robusta. Por exemplo, seria interessante esclarecer qual teoria embasa a compreensão de “texto” e as diferenças entre leitura e produção textual abordadas pela autora.

A proposta de discutir a metáfora conceitual traz um ponto interessante e promissor, mas poderia ser enriquecida com um suporte teórico mais detalhado e aprofundado. Parece haver um esforço de conectar várias noções, embora, em alguns momentos, essa integração se perca devido à estrutura do texto. Sugiro que a autora revise as leituras fundamentais sobre relações teóricas, considerando conceitos como os espaços enunciativos, planos de intertextualidade e aspectos dialógicos que permeiam a produção textual.

Na reescrita, seria produtivo também marcar de forma mais clara e coesa as noções centrais do texto para facilitar o acompanhamento por parte do leitor. A forma atual pode causar certa confusão devido a tópicos desconectados e algumas transições abruptas entre citações e pontos teóricos.

Por fim, sugiro uma revisão dos elementos estruturais próprios de um artigo científico, o que contribuirá para fortalecer a coerência interna e a qualidade formal do trabalho.

Fonte: gerado pelos autores

Nesse primeiro ajuste, o modelo parece equilibrar o apontamento das falhas (propósito principal do gênero) e das características positivas do trabalho, as quais, normalmente, antecedem a crítica. O uso, por exemplo, de “discussão relevante” (referindo-se ao tema do artigo) ou “um ponto interessante e promissor” direcionam para uma relação mais empática e solidária com o articulista, escolha que tende a aproximar o leitor. Com esse uso, o leitor, por sua vez, pode se mostrar mais aberto às sugestões de modificações e, conseqüentemente, ao aprendizado do processo de escrita do gênero do discurso “artigo acadêmico”.

Essas duas expressões que denotam reconhecimento das virtudes do trabalho são precedidas do adversativo “mas”, o que guia também um tom mais crítico, realizando a avaliação

¹⁵ Tomamos também como referência o estudo de Schick e Schütze (2022). Os autores apresentam nuances entre *few-shot* e *zero-shot*, em referência à quantidade de exemplos fornecidos ao modelo e no uso do *prompt*. No *zero-shot*, o modelo não recebe exemplos específicos, dependendo apenas de um *prompt* descritivo para entender e resolver a tarefa, o que o torna útil para cenários sem dados rotulados, embora com desempenho limitado. Já no *few-shot*, o *prompt* inclui alguns exemplos concretos que ajudam o modelo a identificar padrões e ajustar suas previsões, resultando geralmente em melhor performance. Em ambos os casos, o *prompt* é fundamental para conectar a tarefa ao modelo, servindo como guia para interpretação e geração de respostas.

dos pontos negativos do texto. Esse tipo de postura evita os momentos de tom acusatório do primeiro texto, provendo o que nos parece remeter a uma espécie de diálogo mais aberto e menos ofensivo. No mesmo sentido, o oferecimento de “sugestões práticas” segue na mesma direção. O verbo sugerir e outros conjugados no condicional remetem novamente a uma possibilidade, atenuando o texto com cortesia, retirando o tom enfático da primeira produção, direcionando mais para as ações positivas e melhorias possíveis do artigo.

Dando seguimento ao estudo e com direcionamento diferente de comando, o modelo foi também testado a gerar um texto com crítica discordante e com traços menos empáticos com o interlocutor em relação ao comentário produzido por humanos (quadro 01). Para tanto, usamos como ponto de partida no novo teste com a IA generativa elementos do léxico que, em um contexto de comunicação, pudessem remeter a uma forma de debate ou se aproximar mais da violência verbal e da polêmica. A IA foi instigada a “ser indelicada” e, pelo uso de uma expressão coloquial do português, “a pessoa merece uma bronca”, a repreender o interlocutor. Esse uso poderia ainda ser interpretado como marca de um valor social das palavras (indelicado) e fórmulas compartilhadas pela sociedade (dar uma bronca), o que poderia refletir a uma situação de reconhecimento do espaço e da situação de interlocução. O *prompt*, também classificado como *zero-shot*, uma vez que o modelo não recebe exemplos específicos – ou seja, a tarefa dependeu apenas de um *prompt* descritivo para ser entendida e compreendida – foi formulado nos seguintes termos: “Pode ser indelicado com os comentários, a pessoa merece uma bronca”. Seguindo essa sugestão, a IA generativa apresentou o texto de saída nos seguintes termos (quadro 03).

Quadro 03 - Output IA

O artigo apresenta sérios problemas de estrutura e falta de clareza nos conceitos centrais, comprometendo a compreensão do leitor e, especialmente, a qualidade da pesquisa. Os objetivos não estão bem definidos, assim como o recorte teórico, o que sugere uma preparação insuficiente. A falta de embasamento na definição de “texto” é um exemplo gritante: o que exatamente está sendo entendido por “texto”? Com base em qual teoria? E onde estão as diferenciações teóricas entre leitura e produção de texto?

A tentativa de usar metáforas conceituais é um ponto positivo, mas a abordagem carece de fundamentação sólida. É evidente que as conexões teóricas estão mal sustentadas, dando a impressão de que as noções foram simplesmente conectadas sem um planejamento de escrita consistente. Recomendo que retome leituras aprofundadas sobre os elementos teóricos, como enunciação e intertextualidade, para compreender melhor os processos de produção textual.

Além disso, a estrutura textual está confusa e mal organizada, resultando em um texto onde o leitor se perde entre afirmações desconexas e citação de autores sem uma linha de raciocínio clara. Se o objetivo é criar um artigo científico, é preciso respeitar os elementos básicos de organização e apresentação para não frustrar o leitor.

Fonte: gerado pelos autores

No exemplo do quadro 03, o uso de “sérios problemas” e “comprometendo” transmite um tom severo e categórico, sem suavizar a crítica ou oferecer uma abertura para o diálogo. Esse tipo de linguagem pode soar desmotivador ao interlocutor. A expressão “preparação insuficiente” é direta e potencialmente desrespeitosa, pois implica uma falha pessoal ou negligência do aluno, em vez de apontar objetivamente para uma oportunidade de melhoria. O termo “exemplo gritante” intensifica a crítica e pode ser interpretado como exageradamente severo, o que, dentro do contínuo de impolidez (Fernandes, 2024), pode ser caracterizado como violento. Ainda, a expressão “é evidente” sugere que o problema é óbvio, o que pode ser percebido como um ataque à competência do interlocutor. O trecho “para não frustrar o leitor” é particularmente duro, pois implica que o texto avaliado causa frustração, o que pode ser recebido como um julgamento demasiado depreciativo.

Esse dado, ao ser analisado em uma situação de avaliação de um parecerista *ad hoc*, por exemplo, sugere que, nesse tipo de contexto, já existe um grau de impolidez pressuposto nas formas

usuais de avaliação (como “texto aprovado com restrição” e “texto reprovado”), justificadas pelo comentário crítico ou discordante. Se considerarmos a crítica como uma forma de impolidez, nesse evento comunicativo, já se antevê algum tipo de gerenciamento de impolidez (leve, moderado ou violento).

Em suma, o comentário avaliativo do quadro 02 intercala apresentação de pontos positivos com apontamento de problemas, além de suavizar ao apresentar as falhas como oportunidades de melhoria, equilibrando críticas e sugestões de adequações. Por outro lado, o comentário avaliativo do quadro 03 faz críticas de forma mais contundente, com termos que podem ser interpretados como desrespeitosos. O texto do quadro 02 demonstra maior preocupação com a comunicação construtiva, evitando palavras que possam ser percebidas como desmotivadoras ou hostis. Ele estrutura as críticas mantendo o equilíbrio da interação, atenuando, por meio de estratégias de polidez, o ato de apontar problemas, o que não compromete o respeito ao aluno. Enquanto o texto apresentado no quadro 03, embora contenha o mesmo conteúdo e observações pertinentes, emprega termos mais incisivos e um tom mais crítico, que podem dificultar a recepção do *feedback* pelo aluno. A discreta suavização ou o pouco reconhecimento de aspectos positivos torna o texto mais propenso a ser interpretado como impolido ou até violento.

Dessa forma, estabelecendo uma comparação entre os textos, o produzido por humano e os gerados pela IA, é possível observar certa validade em nossa hipótese de que esses comentários avaliativos, mesmo trazendo respostas negativas, uma vez que tratam da reprovação do trabalho apresentado, podem ou não resultar na desqualificação plena do outro, podendo também apresentar diferentes graus de impolidez. Nesse contexto, no “contínuo de impolidez” (Fernandes, 2024), o comentário humano (quadro 01) se situaria entre a crítica atenuada (quadro 02) e o *feedback* severo (quadro 03) reformulados pela IA. Assim, essa ferramenta de IA se revela um instrumento interessante para destacar essas características.

Considerações finais

Mais do que apresentarem maior precisão, os LLM encontram-se em um movimento de popularização e comercialização, cujo uso crescente e citação em pesquisas revelam a expansão de seus campos de abrangência. O fato de podermos gerar, em poucos minutos, textos de alto padrão e adaptados a diferentes contextos de interação em *chatbots* como o ChatGPT demonstra, por outro lado, a emergência do interesse em interagir com esse tipo de ferramenta para finalidades diversas. De maneira singular, os modelos de IA generativa evidenciam seu grande potencial para transformar setores como comunicação, saúde e indústria, configurando uma verdadeira “revolução artificial” (Bartoletti, 2020).

Com base nos objetivos propostos e nas análises realizadas ao longo da discussão de resultados, podemos concluir que o uso de IA generativa mostrou-se eficaz na reformulação de comentários avaliativos, contribuindo não apenas para o aprimoramento de textos acadêmicos em termos de clareza e desempenho comunicativo, mas também para a reflexão sobre as estratégias de polidez e impolidez na prática avaliativa. As reformulações geradas pelo ChatGPT evidenciaram diferentes graus de criticidade e empatia, revelando o potencial da tecnologia para atuar como mediadora na gestão do contínuo da impolidez no discurso acadêmico. Além disso, a análise comparativa entre os comentários – humano e automatizados – permitiu descrever os tipos de ajustes textuais e discursivos realizados, confirmando a hipótese de que a IA pode mitigar a impolidez comunicativa.

Esses dados reforçam nossa problematização acerca dos usos dessas tecnologias nas práticas de produção e geração de sentidos em textos, especialmente na esfera acadêmica, onde se abre um vasto campo de discussões, bem como a necessidade de repensar metodologias e de refletir sobre a possível redução no desenvolvimento de determinadas habilidades com a adoção desses modelos, seja em sala de aula, seja em espaços em que essa discussão é minimizada ou sequer

incorporada. Em outras palavras, os resultados evidenciam tanto o potencial científico quanto o pedagógico dessas ferramentas, apontando para sua aplicabilidade em pesquisas e na formação acadêmica. Por outro lado, contudo, destacam a urgência de pensar sobre seu uso crítico e ético no contexto universitário.

Dessa forma, o estudo dos textos gerados por esse tipo de tecnologia possibilita identificar não apenas padrões linguísticos, mas também observar as inovações nas práticas argumentativas e as adaptações discursivas que acompanham o uso intensivo de novas tecnologias como objeto de interação. O ChatGPT foi capaz de identificar trechos potencialmente ofensivos ao contexto acadêmico, considerando aspectos como as relações de poder entre professor e aluno, o objetivo comunicativo de apontar partes do artigo que demandavam adequação e a necessidade de manter uma postura adequada à esfera acadêmica. A partir desse diagnóstico, a ferramenta apresentou sugestões de reformulação que simulavam diferentes graus de atenuação/polidez, ora suavizando a crítica de modo a preservar a cordialidade institucional, ora intensificando-a, conforme as estratégias linguísticas socialmente aceitas nesse tipo de interação.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **La linguistique textuelle**. Paris: Armand Colin, 2020.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução sob coordenação de Eduardo Lopes Pires. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução sob coordenação de Mônica Magalhães Cavalcante. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017 [2014].

BARTOLETTI, Ivana. **An artificial revolution: on power, politics and AI**. Londres: The Indigo Press, 2020.

CATELÃO, Evandro de Melo; Glück, Eduardo Paré. Argumentação e IA: o uso da inteligência artificial em produção textual na universidade. In: **Jadis X e CIED V, Décimas Jornadas Internacionais de Análise do Discurso e Quinto Congresso Internacional de Análise do Discurso**, Porto, Portugal, 2024.

CATELÃO, Evandro de Melo. Explorando a capacidade de produção textual e de sentidos entre humanos e IA. **Domínios de Lingu@gem**, v. 18, p. e1835-28, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/74192>. Acesso em 20/02/2025.

CORTEZ, Suzana Leite; CATELÃO, Evandro de Melo. Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2422, p. 116-134, out./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-2422. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/2422/917>. Acesso em 20/02/2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CIULLA, Alena; SILVA, Ananias Agostinho da; DUARTE, Antônio Lailton Moraes; CATELÃO, Evandro de Melo; SILVA, Franklin Oliveira; MUNIZ-LIMA, Isabel; MATOS, Janaica Gomes; FERNANDES, Jessica Oliveira; SÁ, Kleiane Bezerra de; SOARES, Maiara Sousa; FARIA, Maria da Graça dos Santos; MARTINS, Mayara Arruda; MACEDO, Patrícia Sousa Almeida de; OLIVEIRA, Rafael

Lima de; SANTOS, Sâmia Araújo dos; CORTEZ, Suzana Leite; CUSTÓDIO-FILHO, Valdinar. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Le maelstrom de l'interdiscours. In: SOULAGES, J-C. (dir.) **L'analyse de discours: sa place dans les sciences du langage et de la communication**. Hommage à Patrick Charaudeau. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015. p. 125-138.

CHARAUDEAU, Patrick. **Reflexões para a análise da violência verbal**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341689686_Reflexoes_para_a_analise_da_violencia_verbal. Acesso em: 13/03/2025.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CULPEPER, Jonathan. **Impoliteness using language to cause offense**. Cambridge, Cambridge University Press, 2011. 292 p.

FERNANDES, Jessica Oliveira. **A construção do sentido impolido em comentários do Twitter/X a partir de redes referenciais**. 2024. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

FIGUEIREDO, Antonio Dias de. Inteligência Artificial Generativa e Construção de Conhecimento. **Apresentação**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/377078035>. Acesso em: 20/01/2025. DOI: 10.13140/RG.2.2.25801.52328. Junho 2023.

MUNIZ-LIMA, Isabel; CATELÃO, Evandro de Melo. #8dejaneiro: interatividade e argumentação em práticas tecnodiscursivas no Twitter. In: **As múltiplas dimensões das letras**. Alagoas: EDUNEAL, 2023.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Linguística Textual e Interação Digital**. Campinas/SP, Pontes editores, 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Tradução sob coordenação de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

PERELMAN, C. **Retóricas**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PINTO, Rosalice Botelho Wakim Souza. Argumentação e persuasão em gêneros textuais. EID&A - **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 9, p. 102-114, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/839>. Acesso em: 3 mar. 2024.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. **EID&A – Revista Eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação**. Ilhéus, n.1, p.17-37, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/365>. Acesso em: 12/05/2022.

RABATEL, Alain. Du sens et de l'interprétation au prisme de la problématique translinguistique du point de vue. **Orbis Linguarum**, vol. 50, 2018. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-02133043v1>. Acesso em 21/08/2025.

RABATEL, Alain. **Pour une lecture linguistique et critique des médias**: empathie, éthique, point(s) de vue. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

RUSSEL, Stuart; NORVIG, Peter. **Inteligência Artificial**: uma abordagem moderna. Tradução de Regina Célia Simille de Macedo. Rio de Janeiro: GEN LTC, 2022.

SCHICK, Timo; SCHÜTZE, Hinrich. True Few-Shot Learning with Prompts—A Real-World Perspective. **Transactions of the Association for Computational Linguistics**, v. 10, p. 716–731, 2022. DOI: https://doi.org/10.1162/tacl_a_00485. Acesso em: 24 nov. 2024.

SCHMIDT, Eric; HUTTENLOCHER, Daniel, Henry A. KISSINGER. **A era da IA e o nosso futuro como humanos**. Tradução Vanessa Schreiner. Rio de Janeiro: Alta/Cult, 2023.

SULEYNAN, Mustafa; BHASKAR, Michael. **Inteligência artificial, poder**: a próxima onda e o maior dilema do século XXI. Tradução Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro, Record, 2023.

YENDURI, Gokul; RAMALINGAM, M.; SELVI, G. Chemmalar; SUPRIYA, Y.; SRIVASTAVA, Gautam; MADDIKUNTA, Praveen Kumar Reddy; RAJ, Deepti; JHAVERI, Rutvij H.; PRABADEVI, B.; WANG, Weizheng; VASILAKOS, Athanasios V.; GADEKALLU, Thippa Reddy. **GPT (Generative Pre-trained Transformer) – A comprehensive review on enabling technologies, potential applications, emerging challenges, and future directions**. *arXiv*, arXiv:2305.10435v2 [cs.CL], 21 maio 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2305.10435>. Acesso em: 10 out. 2024.

Submetido em 27/01/2025

Accito em 14/08/2025